

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 36

2017

Nº 216

SETEMBRO - OUTUBRO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Discurso de Flammarion	4
1500-592 Lisboa	Realidade Vivente	8
Telefone : 217 647 441	O melancólico cântico	10
	Uma segunda chance	11
*	Os cientistas chegaram...	14
Director Responsável :	Alguém (Poema)	21
Manuela Vasconcelos	Os 4 evangelhos	22
	Ausentes	31

*

Tiragem : 150 exemplares
Distribuição Gratuita

*

Registo nº.211720
Depósito Legal Nº. 13972

*

EDITORIAL

Todos os anos por esta altura, é a mesma coisa: temos de falar de férias e do tempo que se segue às mesmas... desta vez, vamos fazê-lo de forma diferente, lembrando, primeiro, aqueles que apenas deixam as nossas cidades na busca de uns dias de vivência mais simples, numa qualquer praia ou local campesino, onde possam usufruir de horas diferentes daquelas outras que vivem no dia a dia; e aproveitam famílias que vivem aqui e ali, em localidades diferentes, para usufruírem de um tecto mais ou menos aconchegado sem a despesa que um hotel obriga a todos... Os mais sortudos, que conseguiram ao longo do ano amealharem uma importância mais ou menos suficiente para uma estadia num local desconhecido, procuram deslocar-se até ao estrangeiro, para conhecerem costumes e comidas diferentes, mas sem a preocupação de visitarem um museu ou de procurarem saber o histórico dos monumentos por que passam e vão fotografando, para ficarem como uma recordação e afirmativa de que, realmente, estiveram ali, naquele local! Não existe, a não ser em bem poucos, a curiosidade de tomarem conhecimento com o que a História fez ali, naquele lugar, e do que ficou registado nas pedras das calçadas ou nas paredes velhinhas que, se falassem, poderiam contar tanta coisa! Depois, no regresso, enchem a boca de cada vez que referem que “estiveram ali”... mas não esclarecem que o “ali” continuou a ser, para cada um, apenas um nome de algumas ruas, de alguns estabelecimentos comerciais, de alguns pratos típicos... Estiveram ali, como podiam ter estado num outro “ali” qualquer, dando precisamente os mesmos passos, procurando as mesmas coisas...

Comparamos as férias, assim passadas, com o conhecimento que uns e outros vamos fazendo do nosso regresso à

pátria espiritual: um dia, qualquer dia, em qualquer mês ou ano, sejamos mais ou menos idosos, mais ou menos felizes – um dia, também aportaremos, ou reaportaremos, melhor dizendo, à pátria espiritual, de que não nos preocupámos, quando disso tivemos oportunidade, de saber o que necessário seria para encontrarmos um lugar apazível, onde seríamos recepcionados por amigos ou seres de luz que nos dariam as boas-vindas, felizes por nos saberem vencedores... Talvez tivéssemos escutado, em algum tempo e lugar, a afirmativa de Jesus quando disse para o povo que O escutava: *“Há muitas moradas na Casa de Meu pai. Se assim não fosse, eu vo-lo teria afirmado, pois vou preparar-vos o lugar...E depois que eu me for e vos aparelhar o lugar virei outra vez e tomar-vos-ei para mim, para que lá onde eu estiver estejais vós também.”*, mas essas palavras não chegaram a fazer “mossa” nos corações de cada um! Afinal, Jesus já esteve na Terra há tantos séculos, que os seus dizeres – os seus ensinamentos – devem estar ultrapassados! E, hoje em dia, quem é mesmo que acredita que essa pátria espiritual existe, que nos voltamos a encontrar porque a vida continua e somos todos imortais? Aquilo que se vê, afirmam os que assim pensam, é que a morte acaba com tudo, e esse “tudo” fica confinado a “quatro palmos de terra” de onde ninguém se levanta! E quando aqueles outros, que são movidos pela fé, lhes tentam transmitir um pouco do conhecimento que têm, não só da vida espiritual como das consequências dos actos menos bons que se vão praticando, sempre baseados na lei de Causa e Efeito, riem-se, encolhem os ombros, e falam em utopias! “Se, realmente, os outros estão certos, haverá tempo para aprenderem porque se somos imortais e se Deus não nos limitou o tempo de aprendizado, então... até é bom não se ter a certeza do que acontece, porque vale a pena gozar a vida e tudo o que ela tem para lhes oferecer! A imortalidade pode significar um prazo maior para que cada um atinja a sua perfeição! E como Deus perdoa sempre...”

Lamentamos, honestamente, todos os que assim pensam e, infelizmente, são bem mais do que imaginar se possa, porque, nesta maneira de agir esses irmãos nem sequer pensam que no adiamento à conquista da perfeição, está presente o sofrimento que se cria com todos os erros que se vão cometendo e nas consequências dos mesmos...

Afinal, Deus criou-nos para sermos felizes e quando nos queixamos da nossa infelicidade nem sequer nos apercebemos de que somos nós próprios que a criamos com a nossa maneira de ser e de agir...

Então, que as férias terrenas fortaleçam o corpo físico, mas não nos demos mais férias espirituais, para não chorarmos, mais tarde, face às “viagens” que tenhamos criado para a nossa alma que aguarda, sempre e mais, um aprendizado maior, no Bem, no Amor, na Fraternidade!

A DIRECÇÃO

*

DISCURSO NO TÚMULO DE ALLAN KARDEC, POR CAMILLE FLAMMARION

(Continuação)

Há meses, percebendo que estava próximo o seu fim, preparou as condições de vitalidade para aqueles estudos, depois da sua morte, e fundou um Directório Central, que o substituisse. Provocou rivalidades, fez escola de carácter um tanto pessoal, e deixou uma como que divisão entre **espiritualistas e espíritas**.

Daqui para diante, senhores (tal é pelo menos o voto dos amigos da verdade), devemos ser todos unidos pelos laços da mais fraternal solidariedade, empregando os mesmos esforços na elucidação do problema, pelo desejo geral e impessoal da verdade e do bem.

Objectou-se ao digno amigo, a quem rendemos hoje as derradeiras homenagens, não ser ele o que chamamos um sábio; não ter sido físico, naturalista, astrónomo e ter preferido constituir um corpo de doutrina moral a ter aplicado a discussão científica à realidade e à natureza dos fenómenos.

Talvez, senhores, fosse melhor que as coisas tivessem assim começado. É preciso sempre não amesquinhar o valor do sentimento. Quantas consolações tem levado aos corações esta crença religiosa! Quantas lágrimas tem enxugado! Quantas consciências se têm aberto aos raios da beleza espiritual!

Ninguém é feliz na Terra, onde muitas afeições são despedaçadas, onde muitas almas têm sido envenenadas pelo cepticismo. Não é de grande valia ter trazido ao espiritualismo tantos seres, que flutuavam num mar de dúvidas e eram indiferentes à vida física e à vida intelectual?

Tivesse ALLAN KARDEC sido homem de ciência que, sem dúvida, não teria podido prestar esses benéficos serviços, nem levar tão longe o estímulo para os corações. Ele foi o que simplesmente chamarei “o bom senso reencarnado”. Razão firme e judiciosa, aplicada sem omissão, à sua obra permanente, as íntimas indicações do senso comum.

Não era essa uma qualidade somenos na ordem das coisas, que nos ocupam. Era seguramente a primeira de todas e a mais

preciosa, sem a qual a obra não se teria popularizado nem distendido pela Terra as suas grandes raízes.

A maior parte dos que se têm dedicado a esses estudos se lembram de haver, na mocidade ou em circunstâncias especiais, sido testemunhas de inexplicáveis manifestações. Bem poucas são as famílias que não as tenham observado. O essencial era aplicar-lhes a razão firmada no bom senso e examiná-las segundo os princípios do método positivo; como previra o funcionamento desse estudo lento e difícil, deve ele, em sua complexidade, entrar agora no período científico.

Os fenómenos físicos, que a princípio não provocavam exame sério, devem ser objecto da crítica experimental, a que devemos a glória dos modernos progressos e as maravilhas da electricidade e do vapor. Esse método deve também abranger os fenómenos de ordem ainda maravilhosa, a que temos assistido, para dissecá-los, medi-los, defini-los.

Porque, senhores, o Espiritismo não é uma religião mas uma ciência, da qual apenas conhecemos o a-bê-cê. Já passou o tempo dos dogmas.

A natureza abarca o universo e o próprio Deus, que outrora se considerava feito à imagem do homem, não pode ser agora considerado pela metafísica moderna senão como **um Espírito na natureza**. Não existe o sobrenatural.

As manifestações obtidas por médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, **são de ordem natural** e devem ser rigorosamente submetidos ao cadinho da experiência. Não há milagres. Assistimos ao romper da aurora de uma ciência desconhecida. Quem poderá prever a que consequências

conduzirá, no mundo do pensamento, o estudo positivo dessa nova psicologia?

A ciência governa o mundo daqui para diante e, senhores, não será descabido neste discurso fúnebre acentuar a sua obra actual e as induções novas, que ela nos descobre, precisamente com referência às nossas pesquisas.

Nunca em época alguma da história a ciência deslumbrou a vista dos homens com tão grandiosos horizontes. Sabemos hoje que a Terra é um astro e que a nossa vida actual se completa no céu. Pela análise da luz, conhecemos os elementos de combustão, no sol e nas estrelas, a milhões e a trilhões de léguas do nosso observatório terrestre. Pelo calculo, possuímos a história do céu e da Terra, tanto no seu passado mais remoto, como em seu futuro, os quais não existem para as leis imutáveis. Pela observação, determinamos o peso dos globos celestes, que gravitam no espaço. O globo que habitamos é um átomo estelar perdido nas profundezas infinitas do espaço e a nossa própria existência é uma fracção infinitesimal da nossa vida eterna.

O que, porém, mais nos pode impressionar é o admirável resultado dos trabalhos físicos realizados nestes últimos anos: que **vivemos no meio de um mundo invisível** em constante agitação ao nosso derredor. Sim, meus senhores, isto é para nós uma extraordinária revelação.

(Continua)

(In: OBRAS PÓSTUMAS, edição Lake – S. Paulo, Brasil).

REALIDADE VIVENTE

O sentido real de uma palavra pode não ser apenas os Incluídos no dicionário

*“Amai-vos uns aos outros como eu vos
Amei.” – JESUS. (João, 15:12)*

À vista de um mesmo assunto, podemos ter pontos de vista muito diferentes, mas nem por isso devemos agastar-nos uns com os outros...

O filósofo espanhol José Ortega, conta que *“de perspectivas diferentes, dois homens podem olhar uma paisagem e, sem embargo, não enxergar a mesma COISA. Enquanto um deles realça certos detalhes o outro – provavelmente – nem os percebe. Teria sentido que cada um declarasse falsa a paisagem alheia? Evidentemente não, pois ao real é uma quanto a outra e cada vida é um ponto de vista diferente sobre o universo que nos cerca.*

“O que acontece com a visão corpórea cumpre-se igualmente com todos os outros sentidos, inclusive com a vertente psicológica, ou seja, o modo de percepção e entendimento das coisas e pessoas pode transcender o campo objectivo.”

Segundo Ortega, esse fenómeno alcança também as palavras, ainda que presas às suas raízes etimológicas. Quando queremos saber seus significados não basta apenas recorrermos ao dicionário, mas é necessário também nos atermos ao seu aspecto contextual, ou melhor: como a palavra foi mencionada, por quem, para quem, em que situação, etc..

Exemplifiquemos: a palavra “cravo” tanto pode significar uma flor, um prego ou um condimento muito utilizado pelos doceiros. Assim, de acordo com a circunstância, pode ter diversas significações.

O idioma ou língua é, pois, um texto para ser entendido e necessita sempre de ilustrações e tais ilustrações consistem na *realidade vivente* a partir da qual se contextualiza o facto, realidade essa, por sinal, instável, fugitiva, que às vezes chega e se vai para não mais voltar.

De tudo isto resulta que o sentido real da palavra pode não ser algumas das indicações do dicionário, mas sim o sentido imposto no instante contextual em que é pronunciada ou escrita.

Tanto na escrita quanto na oralidade, há que se ter em conta esses considerandos de flexibilidade a fim de que possamos intercambiar as ideias sem deformações prejudiciais ao contexto da vida de relação.

A ausência do entendimento entre pessoas e até mesmo entre povos inteiros deve-se à falta de percepção, precipitações, intempestividades e, em especial, da falta de condimentos do amor na equação relacional.

Dessa forma, numa sociedade pluralista na qual vivemos na actualidade terrestre, para nos colocarmos de acordo uns com os outros e encontrarmos a solução mais vantajosa para todos, mesmo com nossos pontos de vista totalmente diferentes, basta incluirmos em nossa *realidade vivente* o notável e singular ingrediente ensinado e devidamente praticado por Jesus, chamado. AMOR.

R. C.

O MELANCÓLICO CÂNTICO DA SAUDADE DO FUTURO

A fé na vida futura é a mensagem que Jesus legou à humanidade.

“O Espírito encarnado aspira constantemente à sua libertação e tanto mais deseja ver-se livre do seu invólucro, quanto mais grosseiro é este.” – O Livro dos Espíritos”, Q. 400).

A fonte geradora de algumas depressões ou estados de angústias e tristezas injustificáveis reside no facto de ainda estarmos presos no corpo físico, vez que o Espírito imortal sempre aspira pela liberdade plena.

Quando se tem a certeza do futuro de bênçãos e felicidade; quando – através do conhecimento espírita – novos horizontes se descortinam à nossa frente, já começam a repercutir na acústica da alma as primeiras notas do doce e melancólico cântico da saudade do futuro...

Essa sensação (segundo os amigos espirituais é algumas vezes experimentada pelos médiuns que relutam em “(...)reassumir os controles do corpo, dado que a sensação de euforia e liberdade ou a convivência – por alguns momentos – com Entidades mui amadas e carinhosas, acabam por gerar nas suas mentes a passageira ideia de que seria preferível ficar lá, naquele outro mundo melhor, onde as pessoas são tão maravilhosas...”

A fé na vida futura é a mensagem que Jesus deixou para a humanidade, motivando-a a seguir em frente rumo a esse ideal sublime. Urge, portanto, assumir o presente com suas cruces e espinhos, corolário natural do pretérito de equívocos. O presente está forjando o futuro, segundo o que se pode depreender das palavras de Jesus registadas por Mateus (16:27): *“A cada um será dado de acordo com as suas obras.”*

Veza por outra, emancipados do corpo físico pelas suaves asas do sono físico, qual pássaro livre, voamos pelo espaço infinito, cantando a melodia do Amor Universal, prelibando o imarcescível gozo da alforria definitiva a que estamos fadados. Logo, porém, emparedamo-nos agrilhoados à cela somática cujas portas se fecham, ocultando os horizontes da Imortalidade com os densos véus da matéria grosseira e aí (e por isso) nos iniciamos no doce e melancólico cântico da saudade do futuro...

ROGÉRIO COELHO
(Mauriaé – M. G. – Brasil)

*

UMA SEGUNDA CHANCE

O filho busca o pai, no aeroporto. Entre sorrisos, abraçam-se. Enquanto rodam pela estrada, o pai vai observando os detalhes da paisagem e, ao contemplar um menino tentando se equilibrar na bicicleta, viaja no tempo e confessa:

- Como o tempo passa rápido... ainda ontem você era uma criança. Agora... ei-lo um homem feito. Já não sou eu quem o busca, é você quem dirige o carro e me conduz. Sabe, filho, acho que deveria ter trabalhado menos para ver você crescer.

E num quase desabafo, completa: - *Gostaria de ter uma segunda chance.*

O rapaz sorri e, tranquilo, fala, como quem deseja acalmar a angústia paterna:

- *Tudo bem, pai. Você tem uma segunda chance.*

E apontando a esposa grávida, que os aguarda em frente à casa onde acaba de estacionar o carro, complementa: - *Ele vai chamar-se Gabriel.*

*

As cenas demonstram ternura. Nenhuma reprovação.

Às vezes, amargamos a existência, fixados no passado, porque em nossa infância nossos pais não estiveram presentes quanto teríamos almejado.

Podemos chegar a culpá-los pelos nossos eventuais fracassos de agora. No entanto, se ausências ocorreram é de nos perguntarmos o que preocupava nossos pais naquela época. Quase sempre nos esquecemos das lutas insanas, das horas dedicadas ao trabalho para nos prover o pão, o agasalho, o conforto de uma casa, o pagamento da faculdade, as viagens de estudo e de lazer.

Sim, talvez pudéssemos ter abdicado de tantas coisas e teríamos preferido que eles estivessem ao nosso lado. Contudo, dissemos-lhes isso em algum momento, ou, simplesmente, exigíamos mais e mais, em nossos sonhos de adolescentes e jovens?

Que os pais fazem falta aos filhos, é verdade incontestável. Entretanto, que não os culpemos por tudo, inclusive pela nossa incapacidade de compreender, de desculpar e perdoar as suas possíveis faltas.

Todos os pais conscientes procuram fazer o melhor pelos seus filhos. Se falham, não o fazem de forma intencional.

Enquanto inexperientes em muitas questões, detinham as preocupações da manutenção do lar, o provimento de todas as nossas necessidades, a instrução, a educação. Nesse rol, vez por outra, podem ter-se esquecido das manifestações mais ternas, do afecto. No entanto, por que nós – filhos -, que desejávamos o abraço, a presença, não lho dissemos, não pedimos?

Importante que se viva o momento presente, que manifestemos nossa profunda gratidão por quem nos deu tanto.

Se nos descobrimos ainda carentes do que desejámos na infância e não tivemos, usufruamos o mais possível, agora, da presença dessas criaturas que nos deram e mantiveram a vida. E se estivermos para nos tornarmos pais, ofereçamos-lhes a excelente oportunidade de serem avós, permitindo-lhes um tempo mais longo com os netos, tempo que talvez tenham querido e não puderam ter conosco. A segunda chance...

A chance de demonstrarem o grande amor que trazem em seu coração, chance de serem pais pela segunda vez.

Ofereçamos-lhes essa infinita alegria de conviver, de amar, de levar os netos a passear, de os ensinar a equilibrarem-se na

bicicleta, de irem ao cinema, saírem de carro. Tantas pequenas grandes coisas que fazem a felicidade e massageiam a alma!

(Redacção do MUNDO ESPIRITA, jornal da Federação Espírita do Paraná, em Agosto de 2016, de onde o transcrevemos, com a devida vénia).

*

CIENTISTAS CHEGAM A UMA CONCLUSÃO MATEMÁTICA:

DEUS EXISTE E DEU ORIGEM À VIDA

Em muito pouco estavam de acordo dois dos mais eminentes cientistas da Grã-Bretanha ao iniciarem uma investigação sobre a origem da vida. Tinham em comum: que a noção de um criador era incompatível com a Ciência.

Após três anos de investigações a perspectiva do problema mudou totalmente. O Professor, sir Fred Hoyle – um agnóstico com antecedentes cristãos – e o Professor Chandra Wichramasinghe analisaram a teoria da vida ter sido originada por esporos, vindos do espaço exterior, chegados à Terra há biliões de anos. Fizeram os cálculos separadamente, sobre a probabilidade da vida ter sido gerada, de forma casual, por um agente exterior.

Ambos concluíram que as probabilidades contra a ideia de que a chispa da vida se gerara automaticamente, eram, em linguagem matemática de 10 elevado à potência de 40.000. Em termos aritméticos comuns significa 1 seguido der 40 mil zeros.

É um número tão imponderável no Universo que, estou cem por cento seguro, a Vida não pode ter surgido de modo espontâneo – explica Chandra Wichramasinghe, professor de matemática e astronomia aplicada na Universidade de Cardiff, que trabalha com Hoyle desde 1962. – A única resposta lógica para a vida é a criação.

Para determinarem aquele número realizaram cálculos, baseados no tamanho e na idade do Universo (15 bilhões de anos). Pelo mesmo método, concluíram que as probabilidades de que a vida tivesse surgido espontaneamente em qualquer lugar do Universo, eram de 10 elevado a 30.

Diz o Prof. Wichramasinghe, de 42 anos: - **Que a vida tenha sido um acidente químico no nosso planeta, é como procurar um especial grão de areia em todas as praias de todos os planetas do Universo, e encontrar que tenha sucedido em qualquer lugar do Universo, é como procurar e encontrar esse grão de areia numa só praia. Ainda assim, é matematicamente inaceitável.**

No livro que escreveram sobre a sua teoria “Evolução no Espaço”, ambos afirmam: **“A probabilidade de que a Vida se tenha gerado por acaso é tão minúscula que se pode considerar absurda. É mais sensato pensar que a vida é deliberada.”**

Mais à frente, acrescentam: **“Uma vez que aceitamos que a possibilidade de que a vida se tenha gerado por acaso é tão minúscula que é absurda, é fácil pensar que a nossa própria capacidade de inteligência deve reflectir inteligências mais altas até ao limite de Deus.”**

Segundo a sua teoria, a vida na Terra começou quando os esporos do espaço exterior encontraram condições favoráveis no caldo originário do planeta. Ao contrário da teoria “darwiniana” da evolução gradual por meio da selecção natural, postulam que a evolução se realizou como uma série de saltos, pela chegada de novos esporos, que também não foram criados por acidente.

As suas ideias provocaram assombro e repulsa na comunidade científica. Eles próprios confessam ter-lhes sido difícil aceitar suas próprias conclusões. Na sua casa de Cardiff, o Professor Wichramasinghe revela: **“Para mim, foi um choque emocional e mental. Desde os primeiros anos como cientista fui condicionado para aceitar que a ciência não é compatível com nenhum tipo de criação deliberada. Foi-me difícil apagar esta norma. Sinto-me incomfortável na situação actual. É um estado mental a que não estou acostumado. Sei que não há outro caminho lógico. Eu e o Hoyle sempre tivemos um espírito aberto. Agora, comprovamos matematicamente que não há outra forma de compreender a Vida que não seja a criação a nível cósmico.”**

Da sua mais recente teoria sobre a Vida, Wichramasinghe confessa: **“Freud possuía uma tendência para imaginar um criador de alta inteligência. Ainda que não praticante, sou budista. Minha doutrina é ateuista, não professa a ideia do criador. Todavia, de momento, não pude encontrar um argumento racional para derrubar o ponto de vista de um DEUS CRIADOR; se o tivesse encontrado não haveria participado neste livro. Tenho, porém, a esperança de dar uma explicação puramente mecânica e química para a origem da vida. Digo “espero”, porque ainda não pude adaptar-me à minha conversão.”**

Ambos os cientistas argumentam que a compreensão pelo homem do fenómeno da vida, está limitada pelo próprio intelecto, não por fracasso por raciocinar correctamente. Também crêem que a vida celular já tinha atingido um alto grau de desenvolvimento, antes da formação da Terra, à volta de 3,5 biliões de anos.

“Recebemos a vida com os problemas bioquímicos fundamentais, já resolvidos.” – afirma Wichramasinghe.

Ainda que contra o seu sentimento religioso, o Prof. Wichramasinghe, como homem de Ciência, viu-se obrigado a afirmar: **“-Espero encontrar uma conclusão matemática para explicar a origem da vida mas, não há. A lógica, contra isso não pode argumentar.”**

A confirmação destes dois cientistas sobre a origem da vida e que o Universo não é um acidente cósmico, leva-nos ao que se diz no ‘Livro dos Espíritos’, escrito há 140 anos, no capítulo I:

PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

- Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

- “No axioma que aplicais à vossa ciência: não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo que não seja obra do homem e o vosso raciocínio vos responderá.” Para crer em Deus basta olhar para as obras da criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus, equivaleria a negar que todo o efeito **vem** de uma causa e acreditar que o nada pôde fazer alguma coisa.

- Que consequência se pode tirar do sentimento intuitivo, que todos os homens têm, da existência de Deus?

- “Donde seria oriundo esse sentimento se não estivesse apoiado em algo? Também isto é consequência do princípio de que não há efeito sem causa.”

- O sentimento íntimo da existência de Deus não será resultado de educação e produto de ideias adquiridas?

- “Se assim fosse, como teriam os selvagens este mesmo sentimento? Se não fosse produto da educação, o sentimento da existência de um ser supremo não seria universal e, como as noções da ciência, só existiria em quem tivesse recebido tal instrução.”

- Nas propriedades íntimas da matéria pode encontrar-se a causa primeira da formação das coisas?

- “Mas qual seria então a causa dessa propriedade? É sempre necessária uma coisa primeira. Atribuir a formação primeira das coisas às propriedades íntimas da matéria, equivaleria a tomar o efeito pela causa, essas mesmas propriedades são um efeito que deve provir de uma causa.”

- Que se deverá pensar da opinião que atribui a formação primeira a uma combinação fortuita da matéria, ou seja, ao acaso?

- “Outro absurdo! Que homem de são raciocínio pode considerar o acaso como um ser inteligente? E o que é o acaso? Nada.

A harmonia que regula as diversas partes do Universo revela combinações e fins determinados e simultaneamente, um poder inteligente. Atribuir a formação primeira ao acaso é um

contra-senso; o acaso é cego e não pode produzir os efeitos da inteligência. Um caso inteligente já não será acaso.

- Onde se reconhece que a causa primeira é uma inteligência suprema e superior às outras inteligências?

- “Há um provérbio que diz: pela obra se conhece o artista. Muito bem, examinai a obra e procurai o artista. É o orgulho que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite que lhe seja superior e por isso se classifica de espírito forte. Pobre ser que um sopro de Deus pode aniquilar.”

- Poderá o homem compreender a natureza íntima de Deus?

- “Não, e este é um dos sentimentos que ainda lhe falta.”

Mede-se a capacidade de uma inteligência pelas suas obras. Não podendo o ser humano criar o que a natureza produz, a causa primeira tem que ser uma inteligência superior à humana.

Quaisquer que sejam os prodígios realizados pela inteligência humana, ela própria terá uma causa e quanto maior seja o que ela faça, tanto maior há-de ser a causa primeira. Esta inteligência é a causa primeira de todas as coisas seja qual for o nome com que o homem a tenha denominado.

Conforme temos visto, o ‘Livro dos Espíritos’ explica claramente, facilmente e racionalmente, a prova da existência de Deus neste axioma:

“TODO O EFEITO TEM UMA CAUSA. TODO O EFEITO INTELIGENTE TEM UMA CAUSA INTELIGENTE.”

Este axioma bastaria, não só para provar a existência de Deus, mas também para resolver todos os fenômenos do Espiritismo.

Estes cientistas, como tantos outros, não puderam com as suas equações matemáticas encontrar como apareceu o Universo; disse A. Einstein: “Onde terminam os números, começa a filosofia pura.” Numa palavra, os cientistas não podem provar a não existência de Deus.

Noutros ramos do conhecimento científico, como a parapsicologia e a física nuclear; a primeira, com as suas experiências, vai entrando nos domínios do espírito humano, explicando fenômenos já experimentados pelo Espiritismo; a segunda, com as suas últimas experiências, vai descobrindo átomos cada vez mais subtis, que a levará, sem qualquer dúvida, a descobrir a existência do mundo espiritual.

Por conseguinte, a ciência positiva descobrirá, num tempo não muito distante, a existência do ESPÍRITO UNIVERSAL... Depois de Kardec.....!

LUIS FRANCISCO MAGLIOCCO

(In: ‘Estudos Psíquicos’, Revista Portuguesa, Maio/Junho de 1984, que transcreveu este texto da Revista ‘Constância’, de Buenos Aires, de Março/Abril de 1983).

*

ALGUÉM

Para alguém sou o lírio entre os abrolhos,
E tenho as formas ideais do Cristo;
Para alguém sou a vida e a luz dos olhos,
E se na Terra existe, é porque existo.

Esse alguém, que prefere ao namorado
Cantar das aves, minha rude voz,
Não és tu, meu anjo idolatrado!
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito
Melancólico, triste e fatigado,
Esse alguém abre as asas no meu leito
E o meu sono desliza perfumado.

Chovam bênçãos de Deus sobre a que chora
Por mim, além dos mares! Esse alguém
É de meus dias a esplendente aurora,
És tu, doce velhinha, oh minha Mãe!

GONÇALVES CRESPO
1846 – 1883

OS QUATRO EVANGELHOS –

- DE J. ROUSTAING

“Caríssimos, não acrediteis em todos os Espíritos, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas que se levantaram no mundo”. - (João, Iª Epístola, cap. IV – 1).

*

“Os Espíritos admitem, geralmente, três categorias principais ou três grandes divisões. Na última, aquela que se encontra na base da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão ao mal. Os de segunda caracterizam-se pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo de praticar o bem. São os espíritos bons. A primeira, enfim, compreende os Espíritos puros, que atingiram o supremo grau de perfeição.”

“(…) Será difícil determinar a ordem e grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos com os quais podemos entrar em relação e, por conseguinte, o grau de confiança e estima que eles merecem. Esta é, de alguma maneira, a chave da ciência espírita, pois só ela pode explicar-nos as anomalias que as comunicações apresentam, esclarecendo-nos sobre as irregularidades intelectuais e morais dos Espíritos.”

“(…) Os Espíritos não pertencem para sempre e exclusivamente a esta ou àquela classe; o seu progresso realiza-se gradualmente, e como muitas vezes se efectua mais num sentido

que noutro, eles podem reunir as características de várias categorias, o que é fácil avaliar por sua linguagem e seus actos.”

“(…) Oitava classe: Espíritos pseudo-sábios. Seus conhecimentos são bastante amplos, mas julgam saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos em diversos sentidos, sua linguagem tem um carácter sério, que pode iludir quanto à sua capacidade e às suas luzes. Mas isso, frequentemente, não é mais do que um reflexo dos preconceitos e das ideias sistemáticas que tiveram na vida terrena. Sua linguagem é uma mistura de algumas verdades com os erros mais absurdos, entre os quais repontam a presunção, o orgulho, a inveja e a teimosia de que não puderam despir-se.” – ALLAN KARDEC: O Livro dos Espíritos; livro segundo, capítulo I, VI – n.ºs. 100 a 104 – Observações preliminares e Espíritos pseudo-sábios. 39ª ed. Lake. Trad. De J. Herculano Pires.

*

Desde o nosso despertar para a Doutrina Espírita, a ‘fome’ do conhecimento levou-nos a debruçar sobre a leitura, como estudo – único meio de conhecimento quando não temos a nosso lado alguém que mais e mais nos vá revelando do muito que desejamos saber. Se, a maioria das vezes, as obras que chegam até nós têm o cunho da veracidade, outras vezes vêm-nos ter às mãos obras mediúnicas de conteúdo bastante duvidoso, que apenas servem como um alerta, para estarmos sempre mais e mais vigilantes. E se a fé raciocinada tem de estar bem assente em pilares construídos com a verdade que a for fortalecendo, não é menos certo que no caminho de cada um – às vezes e apenas por referência de um nome que parece recomendá-la – qualquer uma obra pode ser a ‘casca de banana’ onde podemos ou não escorregar, face ao comportamento por que optemos.

Quando começámos a labutar nas lides espíritas, foi-nos chamada a atenção para a obra de Ramatis que, pelas suas afirmativas menos verdadeiras, poderia ser considerada mistificadora. E, nessa ocasião, remataram: “Todo o livro que tiver a sigla da FEB – Federação Espírita Brasileira – é de confiança. Pode ser adquirido, lido, estudado. (Apesar deste aviso, temos lido alguns livros de Ramatis que consideramos muito bons).

Há anos atrás, num ‘achado’ pelo qual nos sentimos felicíssima pois havia ainda poucos livros espíritas em Portugal, adquirimos a obra “Os quatro Evangelhos” de J. Roustaing, que tem na capa as iniciais da FEB e que, mais tarde, vimos propagandeada na revista REFORMADOR, daquela Federação. Mas quem tem pouco tempo para realizar muitas coisas e se vê dona de 4 volumes grossíssimos como aqueles são, vai protelando a sua leitura e trocando-a por outra menos volumosa, deixando para uma ocasião de maior disponibilidade a primeira. Foi o que fizemos, de início.

Note-se que temos sempre à nossa beira um monte grande de livros, aguardando cada qual a oportunidade de me transmitirem o seu conteúdo... e os autores, espirituais ou não, de cada um deles, por reconhecido o seu mérito, vão tendo a primazia...

Sem perguntarmos, começámos a ouvir opiniões sobre ‘Os 4 Evangelhos’, opiniões essas a favor e contrárias ao autor da obra e, um dia, com um pouco mais de tempo, abrimos o 1º volume. Já ouvíramos, também, dizer que J. R. não só confirmara a obra de Kardec como levara mais longe o conhecimento que este nos transmitira, de inestimável valor, e que ninguém, até então, nos dera! Mas, a verdadeira “revelação das revelações” estava ali, naquela obra dividida em quatro volumes, que deveriam, todos

eles, serem estudados como se de uma relíquia se tratasse. A verdade estava com Roustaing!

E porque tínhamos um estudo a fazer sobre Jesus, procurámos o Seu nome no índice que existe no princípio do 1º volume e, depois, nos outros três. Encontrámos, de imediato, referências espalhadas por diversas páginas sobre o corpo de Jesus e, “já de pé atrás”, continuámos procurando. Encontrámos a *“impossibilidade, para Jesus, de uma encarnação material qual as nossas”* e, na letra J, mais esclarecida ficámos – mas já com uma certa reserva face aos esclarecimentos anteriores.

E, sinceramente, só se como a Tomé nos fosse provado o contrário por A + B, sem motivos que nos deixassem qualquer dúvida mais, nós continuaremos a preferir “aquele Jesus” que primeiro conhecemos, que nasceu como nós, com um corpo como o nosso, que viveu e sofreu a dor como qualquer outro mortal.

Se Jesus – tal como J. B. Roustaing quer fazer crer – foi um Espírito que, quando na Terra se materializava e desmaterializava face à sua necessidade de momento, então a sua última noite no Jardim de Gethsemani – “Pai, afasta de mim este cálice!” – o Seu julgamento, as 40 chicotadas que lhe foram infligidas, o sangue derramado, o arrastar da cruz até ao monte Calvário, com as seguintes quedas, a sua crucificação – não foi tudo mais que um tremendo bluff que 20 séculos de História não fizeram esquecer!

Que Homem foi Ele, afinal? “EU sou o caminho, a Verdade e a Vida.”

“Em verdade, em verdade vos digo que tudo passará mas as minhas palavras não passarão!”

‘Arrumámos’ ‘Os 4 Evangelhos’, de J. B. Roustaing numa das prateleiras da estante dos livros e não voltámos a pegar-lhes a não ser para lhes limpar o pó...

*

Há três ou quatro anos atrás, numa das recepções feitas a Divaldo Franco nas instalações provisórias da Federação Espírita Portuguesa, ali a S. Mamede, alguém levantou a questão e perguntou ao médium baiano sobre os livros de Ramatis; aproveitando a ‘maré’, perguntámos sobre Roustaing e os quatro evangelhos, de sua autoria. Divaldo esclareceu que há dezenas de anos atrás fora assinado um acordo entre a FEB e uma outra entidade cujo nome não conseguimos recordar, no qual a Federação Brasileira editaria, publicitaria e incluiria nos seus trabalhos, a obra de Roustaing. Ela, a FEB, não obrigava ninguém a fazer o mesmo que, por si, faria, para cumprir o acordo.

*

Em Março e Abril findos (ano de 1993), tivemos a possibilidade de parar os nossos afazeres diários para gozarmos umas férias fora do País. No quarto onde ficámos instalada, durante aqueles dias, uma estante imensa atraiu a nossa atenção mas os livros que ali se encontravam eram todos técnicos, sem qualquer interesse para nós. Entretanto, numa prateleira, mais abaixo dos outros, ali mesmo à mão, estavam ‘Os quatro Evangelhos’, de Roustaing. Não havia qualquer outra obra – espírita ou não – só aquela!

Recordando o que lêramos, anos atrás, tomámos, um a um os quatro volumes, passando os olhos aqui e ali pelos trechos que

mais e mais despertavam a nossa atenção. E podendo analisar a obra num “computo global”, e não apenas como primeiramente o fizera, face a meia dúzia de temas, descobrimos a vaidade com que as respostas, fossem do Espírito, fossem de Roustaing foram sendo dadas nos esclarecimentos que faziam. Fosse elas “*dos evangelistas assistidos pelos apóstolos e Moisés*” (os evangelistas não foram alguns dos apóstolos que acompanharam Jesus – excluído Lucas, que não conheceu o Mestre? -, ou recebidos e coordenados por J. Roustaing, a vaidade está ali, marcada, em cada frase, em cada ponto, em cada observação! Mas, mais grave, é que para além da vaidade, estão os “esclarecimentos” que não esclarecem, antes deturpam a verdade linda do nascimento e vida do Divino Amigo!

Assim, de tema em tema saltámos de um volume para outro, sem qualquer ordem cronológica, apenas lendo... e lendo tomámos, um dia, o 2º volume para procurarmos referências a Moisés... e de Moisés chegámos à transfiguração, no monte Tabor, e às reencarnações do Espírito que veio, primeiro, como Elias.

Antes de nos adiantarmos no que queremos referir, transcrevemos o relato de Marcos sobre o acontecido no monte Tabor.

“*Transfiguração:*

Seis dias depois, tendo Jesus tomado a Pedro, Tiago e João consigo, os levou a sós com ele sobre uma alta montanha a um lugar afastado, e ali transfigurou-se diante deles. E enquanto fazia sua oração, seu rosto parecia inteiramente outro; suas vestes tornaram-se brilhantes de luz e brancas como a neve, de tal modo que não há sobre a terra alvejante que os possa assim tornar

brancos. – E viram aparecer Elias e Moisés, que conversavam com Jesus.

“Então, disse Pedro a Jesus: Mestre, estamos bem aqui; façamos três tendas: uma para vós, uma para Moisés e uma para Elias: - pois nem sabia o que dizia, de tão maravilhado que estava.

“Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e dessa nuvem saiu uma voz que dizia assim: Este é o meu filho bem amado; escutai-o.

“Logo, olhando de todos os lados, não viram mais ninguém senão a Jesus, que permanecera com eles. (...)” – Cap. IX, vers. 1 a 9.

*

Não vamos, agora, alongar-nos com comentários ou análises mais prolongadas às diversas páginas lidas em ‘Os 4 Evangelhos’. Vamos, antes, para não trocar nem um ponto, nem uma vírgula, transcrever o texto que diz que “*Moisés, Elias e João Batista são uma mesma e única entidade*” e “*como no Tabor Moisés e Elias pareceram individualidades distintas*” (págs. 497/498 – à margem):

“Em face da resposta que, quando interrogado *relativamente a Elias*, lhes deu o Mestre, seus discípulos compreenderam que João Batista era Elias, o mesmo Elias que as profecias anunciavam como devendo ser o precursor do Cristo.”

“O que, porém, Jesus naquela ocasião não podia nem devia dizer e que agora tem de ser dito, é o seguinte: *Moisés, Elias, João Batista – são uma mesma e única entidade*. Estamos incumbidos de vos revelar isso, porque chegou o momento em que se tem de *realizar a nova aliança*, em que todos os homens (judeus e gentios) se têm que abrigar debaixo de uma só crença, da crença – em um Deus uno, único e eterno: o *Pai*; em Jesus-Cristo, vosso

protector, vosso governador, vosso mestre: o *Filho*; nos Espíritos do Senhor, Espíritos puros, Espíritos superiores, bons Espíritos que, sob a direcção do Cristo, trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade: o *Espírito Santo*.

“Sim, Moisés, Elias e João Batista são um só: são o *mesmo Espírito* encarnado três vezes em missão. Esse Espírito, quando foi Moisés, preparou a vinda do Cristo e a anunciou *veladamente*; quando foi Elias, deu grande brilho à tradição hebraica e anunciou, nas suas profecias, que teria de ser o precursor do Cristo; quando reencarnou em João, filho de Zacarias e Isabel, foi esse precursor.

“Essas três figuras eram o *emblema* da tríplice missão desempenhada em três épocas diferentes, e, por meio da aparição de Moisés e de Elias no Tabor, aos três discípulos, foram postas ao alcance das inteligências humanas, ensinando Jesus aos homens que João Batista era Elias, que voltara à Terra.

“Moisés, Elias e João Batista foram sempre o mesmo espírito reencarnado, mas não a mesma personalidade humana, a mesma individualidade terrena.

“Assim é que, no Tabor, quando da transfiguração de Jesus, um Espírito Superior, da mesma elevação que Elias e João, tomou a figura, a aparência de Moisés.

“Tais substituições se dão quando necessárias – por Espíritos da mesma ordem.”

Lemos e releemos, na convicção de que **nós** é que estávamos a compreender mal, até concluirmos que não: o nosso raciocínio estava correcto e aquelas palavras estavam ali, gravadas, não só a afirmarem uma mistificação como a apodarem Jesus do maior mistificador da História Cristã!, porque colaborou e assistiu ao facto sem o desmascarar!

Como tal não pode ser – não é! -, resolvemos definitivamente pôr totalmente de parte a obra de Roustaing, que

nem sequer deve ser lida para se passar o tempo, e lamentar sinceramente que a Federação Espírita Brasileira, com toda a responsabilidade que tem como entidade máxima do Movimento Espírita Brasileiro e a nível internacional, com a edição desta obra tenha corroborado nesta afirmativa, mais própria de espíritos ignorantes ou pseudo-sábios que de espíritos bons e seres inteligentes!

Assim, terminamos como começámos:

Caríssimos, não acrediteis em todos os Espíritos, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas que se levantaram no mundo. – JOÃO , Epístola I, cap. IV – 1).

MANUELA

(In: nossa Revista COMUNHÃO, nº 72, de Maio de 1993).

*

De vez em quando vamos buscar um artigo antigo, publicado na nossa Revista, da mesma maneira que o fazemos com os publicados noutras Revistas, e trazemo-lo a lume, para recordarmos assuntos e temas que há anos atrás foram importantes – e talvez ainda hoje o sejam. Este, é um desses temas, não porque a FEB continue a publicitar esta obra na sua Revista mas porque continua a ser vendida e, neste caso, a propagar a quem a quiser ler, as muitas inverdades que ali foram grafadas. Referimos apenas uma: a que coloca Jesus como mistificador, mas, ao longo dos quatro volumes há muitas mais inverdades – ou disparates, se quisermos dar a esses textos o nome verdadeiro – desde o nascimento de Jesus, a maneira como Maria o alimentava... até ao bluff do sofrimento e morte do Divino Amigo. É uma obra capaz de indignar qualquer espírita com fé, sincero e estudioso, podendo

deixar “sementes perigosas” no espírito daqueles que o leiam sem a fé inabalável a que Kardec se refere no frontispício da obra ‘O Evangelho segundo o Espiritismo’.

Carlos Alberto Ferreira, espírita de longa data, publicou há alguns anos atrás, já depois de 1993, um estudo que editou em livro, e onde foca as inverdades da obra “Os 4 evangelhos”, de J. B. Roustaing. É uma obra válida, escrita por um português.

Infelizmente, hoje também, depois do desencarne de Francisco Cândido Xavier, médium brasileiro que psicografou as obras com que os Espíritos André Luis e Emmanuel deram continuidade às obras do Codificador, têm surgido várias obras mediúnicas de menos confiança mas que são alardeadas como se ricas de conteúdo. Estejamos sempre atentos à sua leitura, para que ninguém seja induzido em qualquer espécie de erro.

MANUELA VASCONCELOS

*

AUSENTES

“Ora, Tomé, um dos doze, não estava com eles quando Jesus veio.” – (JOÃO, 20:24).

Tomé, descontente, reclamando provas, por não haver testemunhado a primeira visita de Jesus, depois da morte, criou um símbolo para todos os aprendizes despreocupados das suas obrigações.

Ocorreu ao discípulo ausente o que acontece a qualquer trabalhador distante do dever que lhe cabe.

A edificação espiritual, com as suas bênçãos de luz, é igualmente um curso educativo.

O aluno matriculado na escola, sem assiduidade às lições, apenas abusa do estabelecimento de ensino que o acolheu, porquanto a simples ficha de entrada não soluciona o problema do aproveitamento. Sem o domínio do alfabeto, não alcançará a silabação. Sem a posse das palavras, jamais chegará à ciência da frase.

Prevalece idêntico processo no aprimoramento do espírito. Longe dos pequeninos deveres para com os irmãos mais próximos, como habilitar-se o homem para a recepção da graça divina? Se evita o contacto com as obrigações humildes de cada dia, como dilatar os sentimentos para ajustar-se às glórias eternas?

Tomé não estava com os amigos quando o Mestre veio. Em seguida, formulou reclamações, criando o tipo do aprendiz suspeito e exigente.

Nos trabalhos espirituais de aperfeiçoamento, a questão é análoga. Matricula-se o companheiro na escola de vida superior, entretanto, ao invés de consagrar-se ao serviço das lições de cada dia, revela-se apenas mero candidato a vantagens imediatas. Em geral, nunca se encontra ao lado dos demais servidores, quando Jesus vem; logo após, reclama e desespera. A lógica, no entanto, jamais abandona o caminho recto.

Quem desejar a bênção divina, trabalhe para a merecer. O aprendiz ausente da aula não pode reclamar benefícios decorrentes da lição.

EMMANUEL

(In: 'Fonte Viva', psicografia de Francisco C. Xavier; ed. FEB)